

Veículo: *Valor Econômico*

Data: 21/5/2009

Autora: Maria Clara R. M. do Prado

Morte do modelo chinês?

A questão não é nova. Foi tema de farta discussão no final da década de 80, no Século XX, quando a economia japonesa entrou em um longo período de depressão, do qual, acredita-se, não ter ainda saído.

A extraordinária expansão entre as décadas de 70 e de 80 que transformou o Japão em reconhecida potência mundial, todos sabem, foram sustentados pelo modelo econômico de desenvolvimento que privilegia o crescimento a partir da exportação. Ou seja, o país desvia toda a sua capacidade de produção à venda ao mercado internacional. Para isso funcionar, no entanto, é preciso que tal país disponha internamente de uma forte propensão à poupança, situação em que o consumo doméstico é postergado para o futuro.

Mas não basta isso. Para ser bem sucedido, o modelo impõe também a necessidade de existirem sempre, na outra ponta, países importadores, dispostos a absorverem internamente o resultado da poupança acumulada no país exportador. O modelo japonês foi replicado à farta pelos países do Sudeste Asiático, transformados em tigres nos primeiros anos da década de 90, até que tiveram de se contentar com as dóceis características dos felinos domesticáveis a partir da crise cambial que afetou profundamente a região em 1997.

Naquele momento, a China já havia aberto sua economia para o mundo e dava passos largos na consolidação do mesmo modelo de crescimento baseado na exportação. Passou a ser então depositária dos investimentos estrangeiros em busca de oportunidades de negócios e cresceu robustamente nos últimos dez anos tal e qual um espelho invertido cuja imagem reflexa era a expansão dos níveis de consumo nos Estados Unidos.

Toda aquela “engrenagem” simbiote rompeu-se com a crise do excesso de liquidez que vinha alimentando insustentáveis alavancagens financeiras com drásticas consequências para a economia americana.

E está ali justamente o fulcro das questões que têm sido ardentemente levantadas por especialistas desde então: para onde caminha o modelo chinês de desenvolvimento com o empobrecimento do consumo nos Estados Unidos?

Foi o tema da palestra do economista Michael Pettis, graduado pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, dedicado desde 2001 ao entendimento da economia chinesa e atual professor da Guangha School of Management da Universidade de Pequim. O título da palestra, proferida no Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC) na semana passada, era “The Global Crisis seen from China” (“A Crise Global vista da China”), mas quase todo o tempo da fala de Pettis foi ocupado pela preocupação com o futuro econômico da China.

O ponto central de sua apreensão tem a ver justamente com o seguinte fato concreto: para quem os chineses vão vender seus produtos considerando a perspectiva (inclusive com o aval político do presidente Barack Obama) de que por um bom tempo o alto consumo nos Estados Unidos venha a ser substituído por aumento da poupança?

Em outras palavras, que país ou grupo de países tem hoje condições econômicas de incorrer em enormes déficits em suas balanças comerciais para sustentar os superávits comerciais da China?

Pettis acha que com a retração dos Estados Unidos nenhum outro país ou área econômica será capaz de absorver a produção excedente – crescimento do PIB acima da taxa de expansão do consumo doméstico – da China. Não restaria, portanto, aos chineses nenhuma alternativa que não seja a do estímulo ao consumo interno. Isso parece claro até mesmo para algumas autoridades do governo chinês, mas Pettis argui justamente a eficácia das medidas tomadas com o objetivo de transformar gradualmente a China em um país com a economia orientada para o consumo interno em oposição ao modelo em vigor, orientado para a exportação.

Sem dúvida, as providências introduzidas pelas autoridades chinesas para estimular o

consumo têm gerado algumas respostas concretas, como a retomada das vendas de automóveis, de investimentos em alguns grandes empreendimentos, além de outros dados indicativos de que a economia voltou a crescer com certo ímpeto. Isso suscitou uma nova onda de expectativas positivas. Muitos analistas independentes ou vinculados a bancos de investimento voltaram a apostar fichas em um crescimento mais expressivo da China para este ano, com previsões que pularam da faixa entre 5,5% e 6,5% para 7% e 8%.

Em meio à melhoria do humor do mercado, Pettis mantém-se cético. Ele acha, para começar, que o pacote de medidas padece do mesmo viés do modelo vigente, ou seja, direciona-se ao aumento da produção com a série de incentivos que passaram a ser distribuídos em especial para investimentos de maior porte. Não deixando de mencionar o fato de que o grande investidor e consumidor na China é o governo. O objetivo óbvio das autoridades com a política de estímulos é evitar o desemprego maciço, mas o ponto em discussão é de que não há ainda massa de consumo com renda suficiente para absorver internamente a quantidade de produto ofertada pelas empresas na China.

Alguns economistas argumentam que o descompasso entre consumo e produção internos será rapidamente resolvido com a política do governo de estimular os bancos a ampliarem suas linhas de crédito. Recorde-se que o saldo de empréstimos cresceu 15% na China, no primeiro trimestre deste ano. Mas também aqui Pettis não se mostra nada animado, pois acredita ser forte a tendência dos novos empréstimos transformarem-se rapidamente em créditos podres, contribuindo para deteriorar o sistema bancário, uma vez que boa parte dos novos empréstimos destina-se justamente a financiar o aumento da capacidade de produção. Esta, como se viu acima, não terá para quem vender.

“A cultura do crédito é muito fraca na China e antevejo um período de empréstimos não liquidados no futuro”, disse Pettis na palestra do iFHC, convencido de que as medidas das autoridades chinesas para adaptar o país à queda do déficit comercial dos Estados Unidos estão equivocadas.

Todos os pontos apresentados por ele no iFHC estão amplificados em seu blog www.mpettis.com. Ali, ele anuncia a morte do modelo chinês supondo o aprofundamento da crise dos EUA e antecipa que a China tende a entrar em uma década perdida caso as

autoridades não introduzam medidas que impliquem na efetiva mudança do modelo de desenvolvimento.

Maria Clara R. M. do Prado, jornalista, é sócia diretora da Cin – Comunicação Inteligente e autora do livro “A Real História do Real”. Escreve quinzenalmente, às quintas-feiras. E-mail: mclaraprado@ig.com.br